

# A Arte de Diminuir

Major  
KUST PESSEK

Importante se faz distinguir a essência entre o propósito de evoluir e a compulsão do determinismo evolutivo. A evolução se caracteriza pela metamorfose gradativa dos princípios éticos, cuja aceitação se evidencia por ser natural, e, por isso, consentida. Ela sobrevém de uma aspiração estreitamente ligada às tradições. Representa mutação ordenada, remate do bom senso comum. É mais uma raiz nas bases sólidas do geotropismo de uma nação.

Os princípios de moral transmudam-se através dos padrões de comportamento, em passos lentos mas seguros, sem ferir, sem chocar, sem a troca brusca de convicções arraigadas.

A evolução corresponde à busca do ideal, mas peado à filosofia do bem viver, cujo equilíbrio está na continuidade lógica, no devir racional, na procura de metas axiais. Caso contrário o nosso existir se assemelhará a uma viagem em velocidade alucinante, aos solavancos, pleno de sinuosidade, sem sabermos finalmente de onde viemos, por onde passamos e, muito pior, para onde vamos. Em outras palavras, evoluir significa melhorar para fruir de seus resultados.

A evolução existe para nos favorecer e nunca se pode admiti-la no sentido contrário, isto é, nós servimos a ela.



O determinismo evolutivo nasceu da comparação entre os padrões alcançados por diversos povos. Ele é alimentado, diariamente, pela incessante troca de informações eletrônicas. O confronto se faz por dados empíricos cuja supervalorização os elevaram ao nível de semideuses. Entre eles se destacam o poderio atômico, o PNB, os índices de inflação, o nível tecnológico e uma infinidade de dados estatísticos quanto às possibilidades aquisitivas das nações. O cotejo desses dados numéricos gera uma rivalização crescente, fruto de um pseudo-sentido de inferioridade, que se revela na mesma proporção dos índices alcançados.

Desconheço aparelhos capazes de medir felicidade. Ninguém pode suportar o sacrifício de uma nação como a Alemanha, a Rússia, a China e o Japão quando trocaram *status* no cenário mundial ou acúmulo de bens pela renúncia de gerações inteiras.

O sucesso dos números não implica, necessariamente, na conquista do bem-estar e muito menos da prosperidade. Ser próspero significa lograr equilíbrio estável. Ele é mais sólido no sopé da montanha, nunca no alto dela. E, "quanto mais alto maior o tombo".

Não sendo possível aquilatar a satisfação do bem-viver e muito menos difundi-lo, os meios de comunicação se realimentam do infortúnio da humanidade.

Chegando a casa, depois de um dia de trabalho, cansado dos problemas do seu campanário, o homem moderno consulta o jornal e a televisão como meio de abstrair-se dos seus encargos. Bombardeiam-no, então, com mil informações cujos destaques são as crises financeiras e políticas, os desleixos dos mandatários, crimes de toda sorte e, também, com os prognósticos da guerra, da fome, da inflação, das epidemias e assim por diante.

Tudo isso o compulsa a decidir-se. Ele se sente ameaçado pelas comparações e sem pestanejar assimila a idéia de que tem de fazer alguma coisa em autodefesa. Alista-se no partidarismo da evolução coagida. A partir desse momento, ele



deixou de viver. Passou a sobreviver, trocando o fruir da existência pelo servilismo aos números.

Na bíblia do determinismo evolutivo o ideal toma forma palpável de um objetivo digital. O *eucológico* é ditado pelas estatísticas. As jaculatórias pelos extratos da economia futurologista cujo maior saber redonda na arte de diminuir. Os adeptos são aquinhoados com a comenda de evolutivos, racionais ou progressistas conforme o grau de cada um. Aos contestadores restam os epítetos de estreitos, retrógrados e sebastianistas.

O homem, ao trocar a tese do — é bom evoluir, pela exortação do tem que evoluir, recebe imediatamente um caderno com um número infinito de promissórias recheadas de desassossego para as quais não vê solução.

Mas, o que postulam os evolucionistas?

Nós responderemos. Eles requerem modificações radicais.

Entre muitos, podemos identificá-los pelos lemas abaixo:

Reforma total dos dogmas religiosos!

Aumento, a qualquer custo, do PNB!

Reformulação integral dos preceitos morais!

Rápida modificação dos costumes!

Morte antecipada aos futuros competidores! Viva o controle da natalidade!

O determinismo exalta o conceito de diminuir. Diminuir-se tudo. É uma verdadeira contra-racionalização da economia.

Subtrai-se o alimento para amealhar dinheiro a fim de adquirir tudo aquilo que representa posição social.

Abate-se o tempo do mínimo lazer para transformá-lo em produção.

Apouca-se a moral em troca da fama de inteligente.



Encurta-se a ética para aumentar a flexibilidade ou a aquiescência.

Encolhe-se o pudor para aumentar os ganhos materiais.

Despreza-se a tradição pelo modernismo sem nexos.

Abreviam-se os preceitos religiosos pela liberdade dos costumes.

Controlam a natalidade para evitar concorrência no futuro.

Não tarda irão perfilhar novos ditames. Receitarão também a morte aos velhos, pois são "peso difícil de carregar". A evidência disso é a aceitação, cada vez maior, da eutanásia e o incentivo dos abortos em muitos países.

É necessário perceber que as nações no ramo ascendente do progresso não podem, em hipótese alguma, adotar os princípios dos que já se encontram no ramo descendente. Pois se assim o fizerem se precipitarão muito mais rapidamente que o modelo.

Michel de Montaigne, em 1580, nos seus Ensaios, dizia:

"Os meios pouco confessáveis que empregamos em nosso século para avançar, bem demonstram o nenhum valor do objetivo fixado."

Quatro séculos após!

Não estaremos na mesma trilha?!

**O culto à tradição, a lembrança das virtudes e feitos gloriosos de um povo forjam e estruturam a força viva de uma nação.**